

O TEMPO DE ENCONTRO

TRANSCRIÇÃO DA CONFERÊNCIA DE ABERTURA, EM 11 NOVEMBRO, DA JORNADA “MORTE E VIDA: NOVAS CONFIGURAÇÕES NA CULTURA E NA COMUNIDADE”, REALIZADA PELA FEBRAPSI/SPBSB EM BRASÍLIA.

Daniel Delouya



Quero cumprimentar vocês pela sua presença na primeira jornada da Diretoria de Cultura e Comunidade da FEBRAPSI. À Cintia Xavier de Albuquerque, de Brasília, nossa primeira diretora de Comunidade e Cultura e, como acabou de afirmar a presidente da SPBSb, Mirian Ritter, os temas de Comunidade e Cultura são prioridade dessa gestão. Por que prioridade? Quando Freud afirma em 1921 que a vida psíquica é uma psicologia social, não significa reduzir o psiquismo a um arraçoado social. Nós sabemos que o primeiro momento em que a mãe sonha, em que o casal sonha o bebê que a mãe carrega em seu ventre, configura já uma inserção na cultura. Isso é o psíquico.

Não se trata de fazer uma etiologia social

do psiquismo, mas, ao contrário, encontrar o psiquismo em cada setor e facção da cultura. Algo que a FEPAL contribui com a bela expressão: *psicanálise a céu aberto*, uma psicanálise onde a gente pensa o psíquico em cada fenômeno humano e procura encontrá-lo através de um método. Ao mesmo tempo, pensar a psicanálise na comunidade e na cultura é uma *psicanálise complicada*. No consultório, temos um trabalho *complexo* e, na cultura e comunidade, a psicanálise é um labor complicado. Como diz Pierre Fédida, a psicoterapia é uma psicanálise complicada; são muitos fatores que complicam nosso trabalho na cultura e comunidade, demandando dessa escuta um alerta especial.

Há cinco anos, numa diretoria presidida por Leonardo Francischelli, que nesta noite e nesse evento nos prestigia em sua presença e trabalho, nossa secretária atual Anette Blaya Luz era diretora científica da FEBRAPSI que realizou o Congresso Brasileiro em Ribeirão Preto, em comemoração aos 100 anos do artigo de Freud de 1911 (*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*). Como todos sabem, esse belo ensaio é referência maior, e a base da famosa grade, do Bion e seus seguidores brasileiros. Isso é algo interessante, prenhe de esperança, pois se Francischelli que, como alguns sabem, pensa muito com Lacan, ele realizou um Congresso que, em grande parte, foi voltado aos temas do grupo de Bion. Brincando, sério, quem sabe Trump, que acabou de ser eleito, mude também nossa perspectiva.

O texto de Freud de 1911 é uma espécie de bíblia dos bionianos. Bion, que há quase 40 anos visitou Brasília e trabalhou por aqui, marcou nossa psicanálise brasileira. Bion se dedicou a traçar a construção do pensamento, em seus diversos aspectos, e a evolução do pensar como a sede do trabalho psíquico, a partir desse texto freudiano. As categorias do pensar, desde a conjunção constante (Hume), a negativa, a notação, a atenção, a investigação (de início melhor nomeada, Édipo) até a ação; e a evolução do pensamento desde os elementos opacos (sensórios e instintivos) beta, e o início de sua construção psíquica como algo digerível, sonhante, alfa, e a evolução destes (em sonhos, narrativas e mitos), depois em preconcepção, concepção, conceitos, etc.... Todos vocês conhecem a grade de Bion, principalmente aqui em Brasília, e as sociedades oriundas de São Paulo, além do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Mas, se atentarmos ao trabalho de 1911, essa construção do psíquico, do sonhar e do pensar, verdadeiro alvo deste texto de Freud, se dedicou a uma dimensão que foi em grande parte abafada na nossa tradição. Porque essa construção foi vista entre “eu e você”. Eu, analista, você, paciente, eu e você na sala de análise, a mãe e o bebê, toda pessoa que vem para análise nos fala de mamãe e papai, eu-você, você, minha mamãe e meu papai, embora trata-se de uma visada mais ampla, da construção do psíquico. Há, no entanto, neste texto de 1911 – e é a partir desta citação que o próprio Bion constrói os *Elementos de Psicanálise* – a seguinte indagação: o que existe entre o corpo, a pulsação deste, até a ação? A gente constrói algo, a gente tem que conter algo, um trabalho psíquico, a construção de uma mente. Pessoalmente não gosto desse nome “mente”, essa palavra não existe em Freud. Ele dizia que existe uma alma, uma psique.

Mas Freud diz mais: entre essa ação do corpo, entre a pulsão até a ação, o que se deve construir (o pensar) só se constitui se houver um ambiente, uma área intermediária, habitado em algo que ele chama de reserva, de cultura. Dentro dela Freud inclui a arte, a religião, a ciência, e todas as instituições da cultura. Existe um trabalho intermediário que se cria ali. Para educar, por exemplo, é preciso que haja amor. E amor é, justamente, a sexualidade infantil recalcada do adulto que vem ao encontro da criança e deve acolhê-la para que algo cultural aconteça, algo que Winnicott vai chamar de local da experiência cultural, em *O brincar e a realidade*.

É nessa área intermediária que a cultura atua. Qualquer experiência cultural, por exemplo, a música. O que faz o artista? Ele infiltra o recalcado através de alguns meios, assim ele vive o infantil, transmite-o para nós, para podermos lidar com ele, e o artista adquire fama, amor, dinheiro, e outros bens do mundo. Assim se faz o trabalho cultural. Então, o cultural tem a ver com o acesso ao recalcado. A cultura, essa dimensão intermediária, onde podemos situar a *revêrie* materna. No texto sobre a teoria do pensar, prelúdio dos *Elementos...* Bion se refere à providência da *revêrie* a partir do *sojourn* (novamente artigo francês), passeio e temporada, de elementos beta, agoniantes do bebê, no terreno materno, reencontrando o trabalho cultural de sua vida infantil (da mãe), para se transformar em elementos alfa. O texto de Freud, de 1911, é um texto maravilhoso, esquecido na nossa tradição. Não estou acusando os bionianos, ao contrário, Bion é um dos meus autores preferidos, mas sua tradição foi centrada no consultório, esquecendo toda a parte da qual Bion construiu a grade.

Quando se chega a *Totem e Tabu*, Freud vai dizer que existe, para essa aquisição da cultura, um limite. Um limite que Freud situa

na célula do psiquismo e o chama de masoquismo erógeno, ou seja, as pulsões. E vocês sabem disso: em algum momento o brincar cessa. Quando o brincar para, Winnicott sabia disso, não se tolera a aposta do desconhecido, e ao invés disto se entra o desespero e se quer controlar, e Freud diz: quando a gente começa a controlar demais, a gente entra na área da destrutividade, do domínio. Melanie Klein constrói toda sua obra em torno dessa ideia. O avanço para o psiquismo é uma construção infinita de predicados, como Freud diz no *Projeto*, é uma abertura sobre o desconhecido... E nesse ponto Freud vai bem mais longe do que Winnicott, Bion e talvez Lacan. Winnicott diz que temos que respeitar em algum momento a agressividade, pois ela contém alguma esperança. Sim, é verdade, mas essa concessão e gentileza “inglesa” tem limites. Para Freud, em algum momento não há mais escapatória.

A cultura quer demais, a cultura quer anular o psíquico, a abertura sobre o desconhecido (a fé em Bion). Quer dominar o mundo, e vemos isso hoje nos meios da inteligência artificial, na informática, na medicina digital, na ciência robótica que está se ampliando. Ao chegar aqui, ouvia a fala de Mirian: o curso que mais cresce hoje nos Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália, Europa é o que se chama ciência do futuro. Em quatro áreas: transporte, comunicação, biologia digital e robótica. Isso Freud já havia dito para nós! O homem vai querer substituir a falta, o brincar e a criatividade pelo controle e a dominação; o homem quer estender o controle sobre o mundo, e isso é impossível, ele tem que aceitar esse lugar e quando não o aceita, ele gera o que Freud chama de destrutividade. O homem tenta controlar o outro, controlar-se, submeter o outro, submeter-se, refugiar-se na área do gozo, do entorpecimento, das atuações. O homem vai revelar eclosões psicossomáticas, a fuga para religiões e para as modas, a agressividade, em qualquer que seja o espaço cultural.

Freud dizia: o que a gente permite para as crianças? Para brincar, elas precisam brigar em algum momento. Se a briga passa, volta o brincar. Mas na vida social, não. Qualquer casal sabe que a gente transa para não brigar e briga para não transar. Isso está no final dos *Três Ensaíos*, em que Freud vai mostrar as aberrações da sexualidade infantil e a miséria da vida do casal na modernidade, mas ainda assim, diz Freud, isso não é suficiente, porque a cultura não contém e não tolera a liberação do excesso e sua contenção como

no terreno infantil: o que ela busca é usurpar o psiquismo. Essa tendência preocupa o Freud, por isso a maior parte de sua obra é voltada para a vida cultural. Também a de André Green, um dos analistas cuja obra em relação à cultura ultrapassa mais de dois terços de sua transmissão, isso pouca gente sabe.

Temos aqui uma questão, pois o psiquismo tem maleabilidade. Nessa situação cultural, em vez de destrutividade, a pessoa encontra vias de evacuação, não consegue simbolizar e cria um monumento, o fetiche, quando não consegue mais ir adiante. Cria-se um Trump que diz “vou salvar vocês, vou bater nos outros”. Bion já sabia disso: são os grupos de pressupostos básicos. A dependência, quando eu penso: vou cuidar de tudo; o grupo do acasalamento: vamos fazer uma farrã; ou vamos dizer que o outro é inimigo, aí é luta e fuga; e assim se governa maravilhosamente bem, sobretudo quando a situação está ruim. E assim se gera e se fixa em líderes loucos.

Mas o jogo não está encerrado. A modernidade, o avanço da cultura, nos dão muitos elementos ricos, por exemplo, aceitar a diversidade. Há uma saída que é gerar diversidade. Hoje a aceitamos a diversidade no plano sexual, a cultura dá espaço para as variações, mas para lidar e cuidar desse balanço, temos que manifestar certa preocupação. A psicanálise é a arte de resgatar o respeito pelo outro enquanto outro, enquanto sujeito, e daí nossa responsabilidade em velar por ele na cultura.

Quando pensava em minha fala aqui e me veio o texto de Freud de 1911, lembrei de um tempo da minha infância. Na minha latência eu cheguei a um bairro de imigrantes, aonde moravam pessoas de mais ou menos 10 origens e línguas diferentes, ficávamos a cerca de dois quilômetros da fronteira. Nenhuma pessoa havia nascido lá. Estávamos nos anos 60, eu era uma criança de sete anos, escutei muitas línguas, e havia muitos sobreviventes de campos de concentração com numeração, obra nazista, nas mãos. Tínhamos uma espécie de centro comunitário, que em hebraico se chama *moadon*, que significa ser lugar de *tempo de encontro*, tempo de ternura. Vem da palavra Éden que em hebraico significa *tempos infinitos da ternura*. Então, é possível tentar cuidar da cultura, tendo muita atenção por ela.

Daniel Delouya é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e presidente da Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI.